

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 03/07/2008

**Autora:** Maria Clara R. M. do Prado

## **Democracia e estabilidade**

A busca pelo entendimento das forças que movem a democracia e a coesão social na América Latina, no contexto novo das recentes mudanças ocorridas nas relações sociais e institucionais, voltou a despertar a atenção de sociólogos e cientistas políticos. A receita, que parecia acabada e definitiva nos anos 60 para explicar os mecanismos de coesão por trás das diversas forças sociais e políticas consolidadas a partir da urbanização e do consumo de massa, já não se impõe.

A compreensão das transformações da sociedade que passaram a privilegiar a individualização por oposto ao coletivo, mas onde o Estado se apresenta ainda com fortes vícios paternalistas e clientelistas, é o grande desafio que homens e mulheres dedicados ao estudo das ciências sociais têm pela frente. No entanto, a impressão que fica de tudo o que se ouviu do debate sobre o tema esta semana, no Instituto Fernando Henrique Cardoso, é que se está a anos luz de uma avaliação consensual sobre efeitos e desdobramentos da dinâmica da globalização e de tudo o que ela representa, nas suas mais variadas esferas, sobre as crescentes exigências de igualdade de oportunidades.

É certo, e há consenso nisso, que a opinião pública passou a ter papel crucial na nova configuração da rede social. É o que Danilo Martucelli, sociólogo francês-peruano da Universidade de Lille 3, na França, chama de “a voz da rua”, que junto com o voto desempenha hoje a função de “legitimadora” da democracia. A própria opinião pública ganhou um feitiço diferente. Não mais se conforma como o fórum onde as aspirações e expectativas da sociedade eram moldadas pela vontade da elite, de cima para baixo. A “voz da rua” tem uma configuração dispersa porque fala e opina de forma mais democrática e disseminada pelo largo acesso aos meios de comunicação disponíveis. Tende a subdividir-se em grupos pela defesa de interesses específicos e comuns aos seus membros, mas mantém a principal característica deste século, que é a

individualização.

Essas transformações ainda mal compreendidas pelos estudiosos dificultam a definição de processos e de formas. Confunde-se, por exemplo, a imprensa, conforme conhecida na sua forma mais convencional e tradicional, com a mídia em geral, ocupando esta um espaço muito mais amplo com a internet e todas as formas de comunicação ali abrigadas: e-mails, sites, blogs, páginas, portais, enfim. Neste espaço virtual por onde circulam informações e opiniões a todo o segundo, entre milhares e milhares de pessoas, de forma quase simultânea, atuam cidadãos ordinários, especialistas ou não naquilo que comentam. Ali, os próprios jornalistas, travestidos na maioria de blogueiros, muitas vezes se apresentam simplesmente como cidadãos comuns a postarem opiniões pessoais sobre fatos e acontecimentos, despidos da função pública que caracteriza a atividade típica do jornalista.

Vive-se na era da democracia mediática ou democracia da opinião pública que o sociólogo argentino Manuel Mora y Araujo aponta como o novo paradigma a ser decifrado, com papel destacado para o marketing. Manolo, para os mais íntimos, lembrou que o político passou a ser “vendido” como lata de tomate. O exemplo é um tanto antigo, caso em que o marketing domina por meio dos meios tradicionais de comunicação. O mais moderno em termos de campanha política está em curso no atual processo eleitoral dos Estados Unidos, onde a internet e os indivíduos que por ali trafegam procuram impor suas opiniões e suas influências. São eleitores que tentam convencer outros eleitores. É a manifestação da democracia da opinião pública na sua mais ampla abrangência.

No seminário do iFHC – onde se lançou o projeto Plataforma Democrática ([www.plataformademocratica.org](http://www.plataformademocratica.org)), uma espécie de rede de instituições latino-americanas dedicadas ao estudo da democracia, e o livro “O Desafio Latino-Americano: coesão social e democracia”, de Martuccelli e Bernardo Sorj – ficou claro que cientistas sociais e economistas não se entendem. Os sociólogos preferem radicalizar o discurso, condenando a idéia da democratização do mercado como limitante ao entendimento das mudanças sociais. “Temos de tomar antídotos, porque o debate está dominado pelos economistas”, comentou o sociólogo brasileiro-uruguaio Bernardo Soj, um dos idealizadores da Plataforma Democrática.

Respondia, em verdade, à provocação de alguém que acabara de manifestar-se em defesa da necessidade de se trazer as questões econômicas para dentro da discussão sobre a democracia na América Latina. O fato de que 20% de pessoas da classe E no Brasil tenham subido para a classe D, formando uma nova classe média baixa, é de fato fundamental para as transformações sociais e políticas em curso.

Mais fundamental ainda, vital mesmo, para a compreensão do processo de redemocratização da América Latina, é a estabilidade econômica. Surpreendentemente, nenhum dos presentes no seminário do Instituto FHC na segunda-feira, 30 de junho, lembrou-se de que a democracia era ali discutida na véspera do aniversário de 14 anos do Plano Real. E, no entanto, não pode haver dúvida sobre a estreita relação entre inflação e regimes autoritários. A estabilidade de preços é um dos principais condutores da consolidação democrática e exerceu papel crucial no processo de democratização em toda a América Latina. Está na raiz das mudanças da estrutura social.

Os conflitos entre os vários grupos aspirantes ao poder, identificados então como fonte de mudança social, moviam-se pela necessidade de garantir renda e poder aquisitivo em épocas de larga inflação. Essa disputa foi muito bem descrita pelo economista Edmar Bacha no célebre texto sobre a inflação no reino de Lisarb (Brasil, ao contrário) publicado em 25 de novembro de 1984, no jornal “O Globo” (e reproduzido no livro “A real História do Real”). Com a estabilidade, aqueles conflitos deram lugar a novas formas de coesão. Isso levou os sociólogos da região a descobrirem que a democracia não avança em saltos, mas pela acumulação de pequenas mudanças sociais, em um mundo onde os centros de poder e as redes sociais se comunicam de forma oblíqua, difícil de desvendar e, como enfatiza o livro de Sorj e Matucelli, onde a arena pública parece pertencer a todos.